

# Viagens da Saudade

## **Coordenação**

Maria Celeste Natário

Paulo Borges

Luís Lóia

## **Organização**

Cláudia Sousa

Nuno Ribeiro

Rodrigo Araújo

Porto

2019

FICHA TÉCNICA

Título: **Viagens da Saudade**

Coordenação: Maria Celeste Natário  
Paulo Borges  
Luís Lóia

Organização: Cláudia Sousa  
Nuno Ribeiro  
Rodrigo Araújo

Editor: Universidade do Porto. Faculdade de Letras

Ano de edição: 2019

ISBN: 978-989-8969-26-2

DOI: <https://doi.org/10.21747/978-989-8969-26-2/viag>

URL: <https://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id022id1671&sum=sim>

Maria Celeste Natário\*

### **Teixeira de Pascoaes: uma viagem de transmutação**

**Resumo:** Neste ensaio, iremos dissertar sobre a temática da *saudade* no pensamento de Teixeira de Pascoaes, em particular, na sua obra «O Doido e a Morte».

**Palavras-chave:** Saudade, Teixeira de Pascoaes, «O Doido e a Morte».

**Abstract:** In this essay, we will discuss the theme of *saudade* in the thoughts of Teixeira de Pascoaes, in particular, in his work «The Crazy and the Death ».

**Keywords:** Saudade, Teixeira de Pascoaes, «The Crazy and the Death».

---

\* Instituto de Filosofia - Universidade do Porto; Faculdade de Letras da Universidade do Porto; Via Panorâmica, s/n, 4150-564 Porto; (351) 226 077 100  
[ifilosofia@letras.up.pt](mailto:ifilosofia@letras.up.pt)

As viagens que pela saudade cada um fez, faz ou pode fazer são, à partida, infinitas. Aqui, a viagem que consideraremos será aquela que «numa noite fria de Natal» Teixeira de Pascoaes descreve na obra *O Doido e Morte* (1913)<sup>524</sup>, aquela mesma que no Poeta iluminado decorre da ideia, do sentimento, que refere no seu *Livro de Memórias* do seguinte modo:

Viver é vencer a morte, animar o nosso próprio ser e a paisagem (...), viver é ser criança, ouvir falar as árvores e as fontes, ver as asas do zéfiro, o perfil da aurora. Viver é identificar tudo à nossa pessoa, que é uma síntese do Universo, o Universo dado numa flama anímica.

«Numa noite fria de Natal», nos «montanhosos longes denegridos», «em que o luar abria num sorriso triste», eis o cenário, o espaço-tempo onde a lua permite iluminar um caminho branco por onde «a largo trote» a morte caminhava. Num «ruído escuro», a «feia imagem como nas telas pintadas» atravessava o planalto onde «bruxas, ninfas, demónios desmaterializados causavam medo e condensavam o luar em frias lágrimas». Assim descreve o Poeta, quiçá o Doido, que, numa tentativa de compreender a sua enfermidade, a sua doença de Doido, entre um estado mental e um estado físico, vai, pelo Poeta, sobrepor o imaginário à vida real, pois, para Pascoaes, os mundos existentes «realmente» situam-se no espaço vazio, numa «não existência ilimitada» e aí, por via do sonho, o homem está num real outro, no seu mais verdadeiro real.

Do ponto de vista espiritual, esta é uma viagem animada por uma tensão de busca, por uma dualidade entre a matéria e o espírito, e que, enquanto viagem – a viagem mesma da «trágica amazona», a Morte –, acontece num movimento, numa mudança, que irá determinar não só o seu sentido como o que dela deriva – aqui salientando os elementos simbólicos e espirituais da viagem em que os viajantes são personagens inquietos e heróis (e o Poeta é um herói). De algum modo a poesia, em si mesma, pode ser forma de expressão de uma viagem, aquela que decorre da distância entre o homem e a sua alma, o seu espectro, para usarmos termos tipicamente pascoesianos.

Faz sentido, em *O Doido e a Morte*, falar de uma travessia, precisamente como ponto decisivo da passagem de um estado para outro, que pode significar desde uma descoberta do homem como um «ser para a morte», um ser que é de algum modo a própria morte, até ao embate com ela, como se antecipa nesta passagem:

---

<sup>524</sup> Usaremos aqui a seguinte edição: PASCOAES, Teixeira. *Para a Luz/ Vida Etérea/ Elegias/ O Doido e a Morte*, apres. de A. Fernandes da Fonseca, Assírio & Alvim, Lisboa 1998.

E ela, irada, agitando a reluzente  
Fouce cruel, gritou: "Quem és? Quem és?  
Mas quem se atreve assim a rir da Morte?"  
"- Eu - este louco espírito que ri..."<sup>525</sup>

O Doido, ou o Louco, o Poeta, é, nesta viagem, aquele que é capaz de rir nas horas negras e que sentindo-se tocado pela sombra da morte, quer ir mais longe, quer conhecê-la, mesmo que ela surja disfarçada em «sol de Primavera e de loucura» – a loucura que é para Pascoaes a «energia» maior do mundo...

Atento na viagem que empreende, seduzido pela nocturna caminhante, com espanto e perante a «lúgubre figura», o Louco não se deixa intimidar pela Morte, porque diz «amar outro riso»:

Mas eu amo outro riso, — o que desperta  
As almas e trespassa de esplendor,  
A tenebrosa noite e é luz de estrela.<sup>526</sup>

Assiste-se pois aqui a uma viagem, a uma travessia, a uma transmutação. No primeiro contacto com o Doido, a Morte oferece-se-lhe com «a definhada mão gelada e branca». Essa «mão gelada» transmuta-se porém depois em «carne viva, quente», a tal ponto que o Doido exclama:

«Não és a Morte;

És a mulher, a vida, a primavera!...»<sup>527</sup>

Agora, o Doido e Morte são, literalmente, «dois Amantes», «apaixonados, enlevados», «entre o luar e a noite, o céu e a terra... », a ponto da Morte chegar a dizer:

Este desejo  
Que me incendeia os ossos, revestidos  
Do teu ansioso olhar, a qual se fez  
Cálido sangue rubro e palpitante,  
– Este Desejo, a arder, que me aproxima  
De ti, é a tua sombra... nada mais...  
Pois nada sou além do teu amor.<sup>528</sup>

---

<sup>525</sup> PASCOAES, *O Doido e a Morte*, op. cit., p. 272.

<sup>526</sup> PASCOAES, *O Doido e a Morte*, op. cit., p. 275.

<sup>527</sup> PASCOAES, *O Doido e a Morte*, op. cit., p. 279.

<sup>528</sup> PASCOAES, *O Doido e a Morte*, op. cit., p. 282.

Animada por esta «estranha Loucura», por um «fogo anímico e amoroso», «envolto em torva (sic) luz visionária», a Morte assume essa viagem, essa transmutação:

— Que mudanças sofri! Nem me conheço  
Desde que te encontrei! Meu esqueleto  
De viva carne em flor se revestiu...  
(...)  
E no gélido vácuo do meu peito  
Fez-se um calor de sol; a Primavera  
Corre nas minhas veias, já floresce  
Este barro de sombra que é meu corpo.<sup>529</sup>

A Morte deixa pois, nesta viagem, de ser Morte. Ela própria o profere, logo de seguida: «Não sou quem fui! Não sou a morte, sou o amor». Assistimos, pois, neste poema, à descrição de uma transmutação interior das duas figuras, o Doido e a Morte, sendo o Amor, a própria Saudade, o fio condutor dessa transmutação... Poderíamos aqui acrescentar que, em Pascoaes, é porque o sonho, afinal o sonho da vida, afinal a vida mesma, é, ele próprio, o que envolve as sombras «como um tecido sensível, quente, molhado em sangue», como se pode ser em *O Bailado*, considerando ainda que «o sonho é a carne agasalhando a alma friorenta», essa mesma que Pascoaes diz ser «filha da loucura», não importando se o homem vive de engano, pois é precisamente esse «engano» o que lhe permite viver – a própria Saudade.

Parece-nos oportuno aqui lembrar Casais Monteiro, autor tão injustamente esquecido:

Pascoaes fez da saudade uma filosofia, porque a sua intuição do vazio de existir seria insuportável se não a constituísse em sistema. Assim, a ausência ganhou realidade, as sombras ganham forma. Como todo o vivo se lhe negava, deu vida às coisas, animou as fragas do Marão, forçou à presença tudo quanto não lhe podia opor resistência, pois nascia e vivia apenas no seu espírito.<sup>530</sup>

De alguma forma, podemos dizer que o homem, o Doido, permite sempre uma onda de vida mais alta, uma visão que lhe permite dominar a vida, por meio da natureza, numa comunhão, numa harmonia, que o (re)liga à própria natureza... Os olhos mortais do poeta penetram no espírito e numa espécie de abraço que tudo ultrapassa, seja pela dor, como pelo amor...

As lições do poeta, do poema, que de uma visão de certa forma trágica, ditada pela própria condição finita do homem como ser para a morte, é capaz de mergulhar desde a origem, desde o

---

<sup>529</sup> PASCOAES, *O Doido e a Morte*, op. cit., pp. 282-283.

<sup>530</sup> MONTEIRO, Adolfo Casais, *A poesia portuguesa contemporânea*, Sá da Costa, Lisboa 1977, p. 80.

eterno drama, até à vida, que só os poeta, ou sobretudo os poetas, são capazes de cantar, e que no Poeta do Marão se inicia na paisagem, ou na descoberta da paisagem, como uma viagem de mergulho interior, numa espécie de libertação mnésica, onde tudo podendo acontecer, «as folhas que tombam» não deixam de significar uma «alma que sobe». De um mundo interior que procura a libertação de um mundo de sombras jorram um clamor, uma ascensão, que no limite nunca deixará de ter como horizonte um «Retorno ao Paraíso».

Dando de novo voz à Morte:

Eu, que era a morte, a indiferença, o frio  
Insensibilizando as pobres almas  
(...)  
Sou [agora] a tua loucura feita virgem;  
Teu sonho feito corpo; a tua sombra,  
Até aqui negra e morta sobre a terra,  
Neste instante animada e alvoroçada,  
Cheia de luz, sorrindo de alegria.

Se és um doido cantando pelo mundo,  
Sou a tua Canção<sup>531</sup>...

Acrescentado mais à frente:

«Sou a tua canção imorredora,  
Eternamente alada, fluida e viva!»<sup>532</sup>

Embriagados «por um calor de vida florescente», o Doido e a Morte tornam-se, um para o outro, esta canção «imorredora, eternamente alada, fluida e viva». Tornam-se num sem outro. Tornam-se num só...Impossível não lembrar aqui outra «canção», mais exactamente, uma passagem de ópera de Richard Wagner, *Tristão e Isolda*, onde, dir-se-ia, o mesmo acontece:

Oh, doce noite! Eterna noite! Augusta e sublime noite de amor! Aquele a quem tu amparas e para quem sorris, como poderia despertar sem angústia fora de ti? Morte propícia, dissipa inquietudes e temores! Oh, morte de amor, ardentemente desejada! Recebemos o teu abraço, entregues a ti, ao calor do teu sagrado sono, redimidos das misérias do despertar. Como alcançá-lo? Poderíamos renunciar a tal delícia? Longe do sol, longe do lamento que geme no dia! Suave aspiração sem quimeras vacilantes, doce anseio sem angústia, sublime morrer sem agonia, benignas trevas sem enfraquecimento! Sem separação nem fuga, íntima solidão na morada eterna! Sobre-humanos sonhos através do infinito espaço! Tu, Isolda; eu, Tristão! Já não somos Tristão nem Isolda! Sem nomes que nos separem! Uma nova essência! Uma nova chama ardente!... Sem fim! Um só ser pela eternidade! Uma consciência! Um coração abrasado no supremo deleite do amor!...

---

<sup>531</sup> PASCOAES, *O Doido e a Morte*, op. cit., pp. 283-284.

<sup>532</sup> PASCOAES, *O Doido e a Morte*, op. cit., p. 286.

No contexto de *O Doido e a Morte*, diríamos, glosando, com a devida vénia, a ópera de Wagner: «Tu, a Morte; eu o Doido! Já não somos o Doido nem a Morte! Sem nomes que nos separem! Uma nova essência! Uma nova chama ardente!... Sem fim! Um só ser pela eternidade! Uma consciência! Um coração abrasado no supremo deleite da saudade!... ».

### **Referências bibliográficas**

MONTEIRO, Adolfo Casais (1977), *A poesia portuguesa contemporânea*, Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora.

PASCOAES, Teixeira (1998). *Para a Luz/ Vida Etérea/ Elegias/ O Doido e a Morte*, apres. de A. Fernandes da Fonseca, Lisboa: Assírio & Alvim.